

A Igualdade e o Luto

Debora Diniz¹

1. Caras colegas, boa noite. É uma honra que me inspira e provoca a ação política estar entre um grupo tão seleta de pessoas comprometidas com a igualdade e com a paz. Meu verdadeiro lugar deveria ser onde vocês estão. Tenho muito o que aprender e escutar sobre este tema. Mas aceitei o desafio do convite como uma oportunidade de conversa e de escuta, mas também para, ao final, fazer-lhes um pedido de cooperação.
2. Li com atenção o documento que fundamenta este encontro. É um belo texto, com dados que sempre devem nos provocar o espanto: há países que condenam à morte os fora da norma heterossexual; países (alguns deles, nossos vizinhos) que os mantêm em regime de prisão perpétua; e países que os condenam à condição de *refugiados* da vida pública. Na verdade, sem usar esses termos, o documento nos leva a um regime estrito de dupla condição para os fora da norma heterossexual: o de *vítimas da homofobia* e o de *refugiados da homofobia*. A igualdade ordinária não existe, nem mesmo nos países em que conquistas civis ou previdenciárias foram feitas nos últimos anos. A marca da exceção é que o movimenta a luta pela igualdade LGBT.
3. Mas há ainda duas teses centrais no documento que devem inspirar este encontro – a persistência da homofobia em diferentes domínios da vida social e política; e a hipótese de que as vítimas da homofobia estão dentre as populações mais pobres e vulneráveis da sociedade brasileira. Há um recorrido no texto sobre os principais documentos, conquistas políticas e normativas realizadas pelos movimentos sociais no Brasil na última década. Mas eu gostaria de me deter com vocês na persistência e nos efeitos da homofobia, explorando as condições de *vítimas e refugiados de homofobia*. Meu objetivo ao centrar esta apresentação

1 Conferência Magna na II Conferência Estadual LGBT em São Paulo. 28 de outubro, 2011. Contato: d.diniz@gmx.com

no tema da homofobia é mostrar o desafio que temos para verdadeiramente falarmos em igualdade sexual.

4. Minha apresentação primeiro explorará o conceito de homofobia e sua potência no campo dos direitos humanos; depois sustentará a tese de que a injúria homofóbica não pode ser considerada um direito de indivíduos ou grupos. Mas para esse movimento de instauração legal da homofobia como violação de direitos, é preciso um ato político de reconhecimento de humanidade nas vidas violadas pela violência homofóbica. Sustento a urgência e a importância da criminalização da homofobia em um marco de reconhecimento da igualdade à população LGBT. O universalismo heteronormativo burguês não é suficiente para proteger as populações LGBT da violência homofóbica que nos transforma em *vítimas* ou *refugiados*.

A Homofobia

1. Eu não queria ser tomada como trágica ou apelativa em uma noite de celebração política como esta. Mas não há fuga ao regime do medo para os fora da norma heterossexista. Em um tempo em que as narrativas sobre hegemonia ou binarismos de poder foram desafiadas por seu caráter totalizante, acredito, com convicção, que vivemos sob uma ditadura binária em matéria sexual: a norma heterossexual oprime todos que não a reconhecem como legítima. A homofobia é um dos dispositivos de garantia da ordem heteronormativa. Por homofobia, entendo toda expressão do ódio, da repulsa, da injúria, da violência contra os fora da norma heterossexual. A norma heterossexista que, falsamente, pressupõe um destino nos órgãos sexuais, em que reprodução social seria um duplo da sexualidade binária e heterossexual, é uma das expressões mais brutais de discriminação pelo corpo que se habita.
2. Me permitam uma facilidade argumentativa neste momento – há um potência política no conceito de homofobia, por isso, evito os derivativos que nomeiam nossas diferenças, como transfobia, lesbofobia, entre outros. Homofobia não se refere apenas aos homens gays, mas é uma provocação à singularização heterossexual da existência que ignora, silencia e o oprime

os fora da norma biopolítica da heterossexualidade que se postula como universal. Ao me referir à homofobia, não ignoro lésbicas, transexuais, travestis e quaisquer outras expressões de vivência corporal e sexual que venhamos a nos descrever ou nos apresentar individual e politicamente. Simplesmente, reconheço a potência criadora em uma denúncia pela linguagem – homofobia é uma forma de violência, de discriminação e de apartação aos fora da norma heterossexista. Neste momento da ação política não é sobre uma ferramenta linguística recém-conquistada que deve estar nosso objeto de disputa, mas em como proteger os *refugiados* e resgatar a memória das *vítimas* da homofobia, concedendo às suas famílias e redes de afeto o direito ao luto.

3. A homofobia é uma prática injusta, e queremos que seja um crime passível de castigo. Queremos que o Estado use sua força de castigo contra aqueles que violarem a igualdade sexual pela homofobia. Mas antes desses dois julgamentos (injustiça e crime), a homofobia é, principalmente, uma crença imoral. Injustiça, crime e imoralidade acompanham os homófobos e a homofobia. Não são todas as crenças que são válidas a um Estado democrático laico de Direito. Valoramos a igualdade. Reconhecemos nossas diferenças, mas rechaçamos o pluralismo niilista que reconhece todas as crenças como razoáveis e válidas. Eu poderia listar uma sequência de crenças não razoáveis e que são impedidas de circular livremente nas universidades, nos espaços públicos, nas vozes de nossos representantes: o racismo é uma delas. Não há liberdade de expressão que sustente o direito de uma comunidade religiosa a discriminar em razão da cor ou da origem dos indivíduos. Não reconhecemos o discurso do ódio como um domínio da liberdade de expressão. Da mesma forma, mas ainda não reconhecida publicamente, não há fundamento que legitime a homofobia como uma crença válida. Há um **eles** e um **nós**, cujo recorte é simples, absoluto e autoritário – o destino da reprodução biológica pelo acoplamento pênis-vagina deveria ser a sentença de reprodução social, nos dizem os defensores da naturalização da sexualidade pela reprodução da espécie. Aos que se negam a reproduzir essa engenharia do corpo, os vigilantes da ordem

heterossexista os esperam para setenciá-los à morte ou ao medo da homofobia. O nós desta noite é descrito por esta ordem moral discriminatória como “grave perversão”, como “anti-natural”, como “abjeto”. Essas traduções da rejeição é o que motivam a violência homofóbica. O curioso é o Estado não considerar urgente que milhares de pessoas sintam medo de transitar na vida pública pelo corpo que habitam, pelas práticas sexuais que vivenciam, pela forma com que se apresentam quanto à vivência da sexualidade.

5. Todas aqui sabem que não exagero. É simples como a crueldade de uma narrativa de página policial. A homofobia mata, segrega e oprime. Causa uma das maiores inquietações pelo corpo – o de habitar-se sem se reconhecer como legítimo ao olhar do outro. Diferente de outras formas de discriminação pelo corpo, o sentimento da rejeição homofóbica não é desafiado pela identificação familiar com seus iguais. A casa pode não ser um refúgio de reconhecimento à criança ou ao adolescente fora da norma heterossexual. Uma criança migrante pode ser fortalecida pelo sentimento familiar de pertencimento, pelo seu reconhecimento entre iguais, pelas histórias de origens ou movimentos. Uma criança ou adolescente fora da norma heterossexual experimenta a solidão – não é à toa que a analogia do armário é tão poderosa. Mas o armário não é só o segredo diante do outro e, talvez, de si mesmo: é principalmente viver em um próprio corpo embalsamado pelo medo e pela vergonha. O cadeado do armário está nas mãos dos homófobos: e tristemente eles podem ser os pais, irmãos, avós, vizinhos, professoras da escola, pessoas que deveriam oferecer o direito à igualdade ordinária. Eles são os legisladores e a mão armada para o controle da norma heterossexista. E um Estado que não reconhece a prisão perpétua, que repudia a tortura, convive com a homofobia como uma “expressão da diversidade social”, ou, ainda pior, como uma expressão da “liberdade religiosa”. Há muitos que defendem a tese de que a injúria homofóbica – simplesmente anunciar que a “homossexualidade é uma grave perversão” – seria uma expressão da liberdade religiosa, portanto, jamais controlada pelo Estado. A religião não é um fato social anterior ao pacto político. Religião ou qualquer outra crença de caráter

associativo não é um passe livre para a violação dos direitos humanos. É a laicidade do Estado o que garante que práticas discriminatórias não serão acobertadas pelo direito à liberdade religiosa: as crenças devem se subordinar aos princípios da cultura dos direitos humanos – esses últimos, os únicos universais para a ordem política. Como qualquer outra prática social, as religiões devem se subordinar às regras do político, do justo e da igualdade. Por isso, não tenho dúvidas em afirmar que não há liberdade religiosa que autorize a homofobia.

6. Eu sei que muitas de vocês concordam comigo. Mas acredito que é importante repetir nossas convicções políticas pela igualdade e pela paz. Por isso, após justificar-me do porquê da apropriação universalizante do conceito de homofobia como ferramenta política para descrever a opressão pela sexualidade, passo para o que imagino ser a novidade desta conversa – uma estratégia para enfrentar a homofobia que mata pela imagem do luto não reconhecido.

Refugiados e Vítimas

1. Quem estuda gênero, sexualidade, práticas sexuais, tem na figura de Judith Butler uma inspiração. Por onde passo – de universidades a movimentos sociais – o vocabulário da *performance*, da heteronormatividade, da desconstrução da dicotomia sexo/gênero foi apropriada. Mas hoje queria voltar a Butler para responder a minha pergunta da homofobia que mata por outro percurso. Seus escritos mais recentes são sobre a guerra e o conflito armado global, após o 11 de setembro. Em comum com nossa questão de hoje não está apenas o tema da violência, mas o de não-reconhecimento da vítima da violência como “digna de luto”. O soldado afegão morto é exibido nas páginas dos jornais de seus inimigos. Não sabemos quem é, quem são seus vínculos afetivos ou biográficos, quem são as pessoas que sofrem por sua morte. Vejam recentemente o espetáculo de violência sobre o cadáver de Kadhafi. Em contrapartida, nesta mesma guerra, o soldado americano não é exibido, mas sua

história é sentida [**IMAGEM – links ao final do texto**]. Vemos sua esposa à beira do caixão, as medalhas de herói entregues a sua família. Conhecemos sua biografia e compartilhamos sua perda sem mesmo ter visto sua imagem. A verdade é que seu rosto é desnecessário para a experiência do luto que nos é imposta. Sentimos a brutalidade da guerra pelas vítimas com história; porém, ignoramos as vítimas anônimas. As fotos podem ser apelativas pelo emoção que desejam nos provocar. Não importa: elas nos forçam a sentir o luto dessa mulher pela brutalidade da guerra. Parece uma constatação óbvia para o contexto de guerra, mas é preciso não só estranhar essa “falsa obviedade”, pois ela tem consequências fundamentais para a igualdade e para a paz. É sobre a provocação dessa “falsa obviedade” que quero aproximar nosso tema de hoje – *homofobia* – desse marco da guerra e das vítimas dignas de luto.

2. Quem são as vítimas de violência dignas de luto? Sob uma perspectiva política, não basta ser humano para ser digno de luto. Há vidas que merecem ser vividas, vidas que valem a pena ser reconhecidas. O luto é um dispositivo posterior ao reconhecimento político. Por isso, vemos sem dor as imagens de populações dizimadas pela fome e pela guerra na África. Não me digam que as imagens lhes provocam repulsa ou alguma melancolia. Falo da dor que nos move para o luto, para o sentimento profundo da perda, ou quem sabe da saudade pela existência. O luto é o reconhecimento de um direito à existência que é anterior à violência: há um enquadramento moral da existência e da imagem que é anterior à prática da violência.
3. É aqui que chegamos à homofobia: as vítimas da violência homofóbica não são pessoas reconhecidas como dignas de luto e seres com vidas que valem a pena ser vividas. São assassinados pela repulsa homofóbica, pela fúria de homófobos que imaginam que a vida social seria mais rica e justa sem suas existências. É do reconhecimento de que as vidas dos indivíduos fora da norma heterossexista vale a pena ser vivida que precisamos falar, ver, ouvir, para avançar na igualdade e no fim da violência. Todos podemos morrer pela violência urbana, todos podemos morrer pela condição precária da existência, mas somente alguns

podem morrer pela homofobia, pela vida precarizada imposta pelo ódio homofóbico. A pergunta é por que essa ameaça permanente não seria suficiente para a criminalização da homofobia como um discurso injusto, ilegal e imoral do ódio?

4. Uma tentativa de resposta é porque não reconhecemos as vítimas da homofobia como sendo pessoas dignas de luto. Não identificamos suas histórias para além da repulsa homofóbica. Reduzimos suas existências a uma prática abominada pela moral heterossexista: são indivíduos com práticas fora da norma sexual. A partir daí, não há humanos com vidas que valem a pena ser vividas, mas seres que não deveriam existir. Assim é na guerra explorada por Butler, assim me parece ser na violência homofóbica que transforma os fora da norma heterossexual em *refugiados* ou *vítimas*. Os *refugiados* são os que vivem sob a ditadura do medo; as *vítimas* são os que morreram ou foram violentados.
5. A norma heterossexual é tão perversa que só há duas identidades possíveis: *refugiados* e *vítimas*. Os *refugiados* estão na escola, no trabalho, na casa. E não se resumem aos fora da norma, mas também àqueles que reconhecem a dignidade das vidas fora da norma, mas não são capazes de superar a homofobia sozinhos. As *vítimas* são casos e números, bravamente, compiladas pelo Grupo Gay da Bahia que nos mostram que, a cada dois dias, um fora da norma é morto pela violência homofóbica. A grande maioria das vítimas são homens gays. Minha pergunta é onde está o luto por essas pessoas? Onde estão as imagens, as histórias de suas famílias, companheiros, filhos, amigos chorando pela perda injusta? Além do relato policial, sinto falta do reconhecimento do dever público do luto como forma de reparação enquanto não alcançamos a igualdade ordinária. Eu quero ver histórias de saudade como a do soldado que acabo de mostrar a vocês. Quero sentir a dor do luto por essas pessoas. E mais: quero provocar o luto em quem não nos reconhece como iguais. Minha aposta é que o luto pode ser um instrumento de mudança para a igualdade.
6. O luto nos impõe um sentimento de falta, senão de vergonha pela perda. Mas o direito ao luto

não é igualmente distribuído: nem todas as vidas têm direito ao luto como um ato político e público de reconhecimento pela perda. Eu preciso contar histórias como a desse soldado anônimo. Vejam que ele não tem rosto. Eu não preciso vê-lo, a imagem de suas relações mais íntimas são suficientes para construir uma biografia que lhe reconhece o direito à vida, uma humanidade compartilhada e sentida pela perda. Vejam novamente as imagens **[IMAGEM – ao final do texto há os links]**: é uma sequência de fotos sobre o luto – a perda me toca, a saudade da esposa me provoca, o espanto dos passageiros que não vêem o caixão, mas identificam a solenidade da cena (esses talvez jamais sejam o mesmo) não me permite fugir do absurdo da cena; a esposa à beira do caixão, a solenidade do vigia noturno, o sono solitário da última despedida são imagens desesperadas que denunciam o absurdo da guerra. Não importa o que penso sobre a guerra, o quanto a considero absurda e injusta, o quanto não reconheço o ímpeto imperialista que movimenta milhões de recursos e oprime povos. Qual a importância de um ato emocional, porém sem legenda como esse? O de mostrar que ali há uma vida que valia a pena ser vivida, uma vida digna e com direito ao luto, uma vida que foi precarizada pela guerra e morta pela violência. As fotos não me exigem uma identificação com a causa que motivou esse soldado ao risco da guerra. Eu sinto o luto antes de rejeitar sua causa.

7. Eu acredito no poder das imagens. As histórias nos movem por campos que os textos não são capazes. Elas não falam sozinhas. O enquadramento dessas cinco fotografias não são inocentes. Elas foram estabelecidas para nos emocionar, para reconhecer um herói na figura do soldado anônimo morto pela guerra. Mas ele não é mais anônimo ao lhe ser concedido o direito ao luto. A emoção de desconhecidos nas janelas do avião, a solenidade dos companheiros fuzileiros, e a angústia da esposa são suficientes para denunciar o absurdo da guerra e o sem sentido da violência. Mas diferentemente do texto, ou de minha voz neste momento, nós não iremos mais esquecer a potência dessas imagens. E vejam que essas fotos não têm movimento, não têm voz, não apelam a nenhum outro recurso de nossos

sentidos. Elas não são imagens que nos provocam a crueldade pelo desnudamento da carne exposta, do cadáver à espera de sua etimologia. Não precisamos visualizar o ato violento que matou o soldado, mas senti-lo pelo luto que é imposto a quem reconhece aquela vida como repleta de sentido.

8. O texto que agregamos a essas fotografias hoje é o enquadramento desta conferência – **histórias que nos mostrem o luto imposto pela violência são capazes de nos mover à ação política.** Essa é a tese de minha conferência. Acredito no poder das histórias por imagens e com biografia. As histórias nos permitem o movimento do reconhecimento da igualdade – o atalho que eu dizia no início desta noite: entre afirmar que a homofobia é uma violência e reconhecer a igualdade é preciso mostrar histórias de pessoas que morreram pela violência homofóbica. É preciso mostrar as *vítimas da homofobia*. As histórias não são capazes de alterar a realidade sozinhas; esse é o nosso movimento político. Mas elas são capazes de provocar as marcas cegas daqueles que teimam em não ver o absurdo da homofobia.

Inspiração

1. Aqui está o pedido de inspiração que vim buscar com vocês: sou documentarista, meus filmes são todos políticos. Aqui estão o canal do youtube, onde poderão assistir a todos eles. Meus filmes já receberam 80 prêmios, foram exibidos em 28 países em 140 festivais, além de televisões, salas de aula, debates públicos. Estou certa que a imagem é poderosa para mover a reflexão e a ação. É uma peça de evidência sobre silêncios da vida social. Os personagens passam a ser inesquecíveis, mesmo quando as histórias são insuportáveis. Quero agora fazer um filme sobre o luto deixado pela violência homofóbica. Queria ouvir histórias de famílias que perderam filhos, companheiros, pais, irmãos, amigos pela violência homofóbica. Quero mostrar que o direito ao luto é um domínio essencial para o reconhecimento da igualdade de uma violência sequer reconhecida pelo Estado como brutal para a paz e a igualdade. Preciso

da ajuda de vocês para ouvir e conhecer essas histórias. Se souberem por onde começar, que histórias eu deveria conhecer, por favor, me escrevam. Meu e-mail é homofobia@anis.org.br. Hoje será apenas o início de uma conversa em que nossos lugares serão trocados e eu voltarei para onde deveria ter estado desde o início desta noite – no outro lado do microfone, uma escuta ativa para ação política. Desejo a todas vocês um belo final de semana de trabalho. Muito obrigada.

Links para as imagens – Fotos de Todd Heisler. Sugiro que as veja em alta definição e em tela ampla.

Foto 1:

<http://www.google.com/imgres?>

http://www.google.com/imgres?q=fotos+todd+heisler&um=1&hl=en&client=safari&sa=N&rls=en&biw=1199&bih=607&tbn=isch&tbnid=qiyILWg_OwJwPM:&imgrefurl=http://www.pdnphotooftheday.com/2010/01/3347&docid=N0o6b1Ucy5WSrM&imgurl=http://www.pdnphotooftheday.com/wp-content/uploads/2010/01/Heisler1.jpg&w=954&h=704&ei=NGqxTpOQJ4LNtgfLgr2qAg&zoom=1&iact=rc&dur=247&sig=107956045179271298206&page=1&tbnh=128&tbnw=181&start=0&ndsp=18&ved=1t:429,r:0,s:0&tx=128&ty=33

Foto 2:

<http://erinwebstergarrett.edublogs.org/2011/10/23/439/katherine-cathey-james-cathey-todd-heisler-2/>

Foto 3:

<http://www.google.com/imgres?>

<http://www.google.com/imgres?q=fotos+todd+heisler&um=1&hl=en&client=safari&sa=N&rls=en&biw=1199&bih=607&tbn=isch&tbnid=UfieDmpg1yxzuM:&imgrefurl=http://erinwebstergarrett.edublogs.org/2011/10/23/439/&docid=WTba2>

[AMEvPU9HM&imgurl=http://erinwebstergarrett.edublogs.org/files/2011/10/katherine-cathey-james-cathey-todd-heisler-1-16ihxsw-150x150.jpg&w=150&h=150&ei=NGqxTpOQJ4LNtgfLgr2qAg&zoom=1&iact=rc&dur=342&sig=107956045179271298206&page=5&tbnh=120&tbnw=120&start=76&ndsp=18&ved=1t:429,r:15,s:76&tx=60&ty=62](http://erinwebstergarrett.edublogs.org/files/2011/10/katherine-cathey-james-cathey-todd-heisler-1-16ihxsw-150x150.jpg&w=150&h=150&ei=NGqxTpOQJ4LNtgfLgr2qAg&zoom=1&iact=rc&dur=342&sig=107956045179271298206&page=5&tbnh=120&tbnw=120&start=76&ndsp=18&ved=1t:429,r:15,s:76&tx=60&ty=62)

Foto 4:

<http://erinwebstergarrett.edublogs.org/2011/10/23/439/katherine-cathey-james-cathey-todd-heisler-3/>

Foto 5:

<http://erinwebstergarrett.edublogs.org/2011/10/23/439/9-katherine-cathey-james-cathey-todd-heisler-4/>